

# A crise de mercado no Brasil: análise sobre o trabalho no Amapá no contexto dos ‘arranjadores digitais’

Thiago Felipe Nunes de Freitas<sup>1</sup>

Anézia Maria Brito Lima<sup>2</sup>

Paulo Vitor Giraldo Pires<sup>3</sup>

## 1. Introdução

Com a crise de mercado vivida no Brasil, a população busca novos meios de gerar renda. Esse cenário ficou ainda mais evidente nesta pandemia do novo Coronavírus. No Amapá, o alto índice de desemprego continua em destaque nos últimos anos. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último trimestre de 2019<sup>4</sup>, o Estado ocupou o primeiro lugar da taxa de desemprego do país, com 17,4% da população fora do mercado de trabalho formal. Já em 2020<sup>5</sup>, a taxa foi de 15,8%, com 59 mil desempregados.

Diante deste cenário avassalador, empresas grandes, pequenas e trabalhadores informais tiveram de adotar novas formas de trabalho para manter a continuidade dos seus negócios. Essas constatações motivam essa pesquisa, ainda em fase de estudo exploratório inicial, tendo o foco na discussão teórica do binômio Trabalho e Comunicação Digital no Amapá, a partir das abordagens sobre ‘Configurações do trabalho’ (ANTUNES, 1980); ‘Crise e desemprego’ (RIBEIRO, 2006) ‘Tecnologia e Trabalho’ (PINTO; SOUZA, 2017); ‘Inovação e Mercado’ (CHRISTENSEN, 2012), ‘Negócios, Empreendedorismo e Startups’ (RIES, 2011); ‘Trabalho no Brasil’ (DECCA, 1996). Busca como meta investigativa estudar o cenário de trabalho amapaense e dos arranjos digitais diante da crise de desemprego no país. Para isso, esse objeto faz parte da 3ª etapa de pesquisa, estudos e levantamentos, iniciados em 2018, por pesquisadores da Universidade Federal do Amapá, do Colegiado de

---

<sup>1</sup> Discente do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/ CNPq). E-mail: [thiagofelipeeng96@gmail.com](mailto:thiagofelipeeng96@gmail.com)

<sup>2</sup> Discente do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/ CNPq). E-mail: [anezialima55@gmail.com](mailto:anezialima55@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e do Mestrado em Desenvolvimento Regional (PPGMDR/UNIFAP). Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [paulogiraldi2@gmail.com](mailto:paulogiraldi2@gmail.com)

<sup>4</sup><https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/02/14/com-29-mil-atras-de-trabalho-ha-mais-de-2-anos-ap-tem-maior-taxa-de-desemprego-do-pais.ghtml> | **Amapá registra em 2019 a maior taxa de desemprego do país**

<sup>5</sup><https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/03/11/amapa-fechou-2020-com-59-mil-desempregados-e-30-mil-que-desistiram-de-procurar-trabalho.ghtml> | **Amapá fechou 2020 com 59 mil desempregados e 30 mil que desistiram de procurar trabalho**

Jornalismo, em parceria com o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/ECA/USP).

## **2. Trabalho, crise e êxodo tecnológico**

Seguindo o exemplo da Europa com a Revolução Industrial, o Brasil também começou a utilizar máquinas e mecanizar o trabalho, além de criar fábricas para aumentar a produção de seus produtos para exportação. Com o crescimento da sociedade urbana a mão de obra também cresceu (principalmente por conta do êxodo rural), contudo, num ritmo mais acelerado que a oferta de emprego. Ribeiro (2006) observa que em 1940 a população urbana era formada por 12,8 milhões de habitantes. No ano de 1980, esse número havia saltado para 80,5 milhões. Duas décadas depois, com a ascensão e êxodo tecnológica, a globalização tem transformado a maneira como empreendedores e colaboradores se portam diante das inovações tecnológicas.

Por conta de tantas mudanças, novos problemas surgem, o que abre espaço para a entrada de novos empreendimentos no mercado – os chamados arranjadores digitais. As *startups* cumprem esse papel, sendo empresas (em estágio inicial) que solucionam problemas em ambientes de risco. Para Ries (2011, p.26), a startup é “uma instituição humana projetada para criar novos produtos e serviços sob condições de extrema incerteza”. O surgimento de novos negócios possui distintas motivações, seja por necessidade do mercado ou para complementar a renda. Este caso é ainda mais evidente no Brasil, diante do alto índice de desemprego que assola o país, a população busca novas alternativas para criar variadas fontes de renda e a tecnologia auxilia nesse processo. Empreender também representa necessidade. A palavra é bonita, porém camufla uma triste realidade, diante de um contexto de escassez de Políticas Públicas do Trabalho.

## **REFERÊNCIAS**

Antunes, R. L. C (1980). Classe operária, sindicatos e partido no Brasil: (Um estudo sobre a consciência de classe: 1930-1935). Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 269.

Christensen, C. (2012). O dilema da inovação: quando as novas tecnologias levam ao fracasso. São Paulo: M.Books.

Decca, M. A. G. (1996). Indústria, Trabalho e Cotidiano: Brasil - 1889 a 1930. 9ª Edição. São Paulo: Atual Editora.

Pinto, S. L. A., Souza, L. C. (2017). Tecnologia e trabalho na era da informação. *Scientia Iuris*, Londrina, v. 21, n. 3, p.99-124.

Ribeiro, D. (2006) *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ries, E. (2011). *A startup enxuta: como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas*. São Paulo: Lua de Papel.